

A dívida externa e o bugio com asas

* 2 ABR 1990

Tom Camargo*

Na semana passada, de passagem por São Paulo, um vice-presidente sênior de um importante banco norte-americano, o Bankers Trust, disse a este jornal, comentando a reabertura da temporada de negociações entre credores externos e o governo do Brasil, que “não há nada que o Brasil possa fazer para nos machucar, mas existe muita coisa que nós podemos fazer para machucar vocês”.

Este funcionário de banco, um entre milhares de vice-presidentes, de diversas graduações, que assistem os bancos comerciais estrangeiros em suas negociações internacionais, moveu-se, como tem acontecido com certa contumácia entre seus pares, com a leveza que se esperaria de um bugio ornado com asas de libélula. Além de desengonçado, mostrou-se hospede impertinente, daqueles que reclamam que o café está frio mas que nunca vão embora.

O governo brasileiro, que até agora, engolfado pelo turbilhão de seu plano de remodelação da economia doméstica, deu pouca atenção à recorrente questão da dívida externa, tem, neste exemplo do cruzamento do bugio com a libélula, mais uma prova de que deve preparar artilharia pesada para sustentar pelo menos uma guerra de posições com os bancos comerciais estrangeiros.

O Brasil, como devedor, pode (como já mostrou em ocasiões passadas) e deve (porque as contas de nosso balanço de pagamentos exigem) mostrar que não é



retórica a decisão — repetida à exaustão pelo presidente Fernando Collor durante seu périplo pré-Planalto — de não comprometer seu crescimento para ajudar a contabilidade dos bancos credores.

É claro que não se espera que os bancos digam “touché” mas é pelo menos pueril entender que um pisão do Bankers Trust nos calos do Brasil doa mais do que um ralar de nosso cotovelo em suas costelas.

O governo brasileiro tem mantido um perfil baixo na questão da dívida externa mas não tem sido omisso. Disse que vai continuar no jogo, indicou que pretende reduzir substancialmente sua conta de juros (falando em 5 bilhões de dólares por ano, menos da metade do que deveria ter pago no ano passado) e está mandando sua ministra da Economia, num momento difícil, ao encontro de credores externos, dos bancos a governos e instituições multilaterais.

Brasília não precisa, portanto, escutar a conversa de anônimos bancários estrangeiros, especializados num provinciano leva-e-traz que supõem parte da negociação com credores soberanos, para dar um formato adequado aos negócios do País com um segmento de suas parcerias externas.

Quando a crise da dívida começou, os bancos credores tiveram como seu primeiro representante nos diálogos com o Brasil um profissional que acabou na cadeia por se apropriar do dinheiro de correntistas do banco no qual trabalhava. Agora recebemos a visita de um bugio com asas de libélula. Talvez tenha chegado a hora de decidir que, de agora em diante, só falaremos com gente como a gente.

* Diretor deste jornal.